

## **ABORDAGENS E CONCEPÇÕES DE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE**

Prof. Dr. Marcos Aurelio Saquet  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Universidade Estadual do Estado de  
São Paulo (Brasil)  
saquetmarcos@hotmail.com

Nosso objetivo principal é compreender as diferentes abordagens e concepções dos conceitos de território e territorialidade, a partir dos anos 1970-80 até o momento atual, subsidiando a elaboração de uma abordagem territorial que considere as articulações existentes entre as dimensões sociais do território, entre estas e a natureza exterior ao homem, o processo histórico e relações multiescalares de processos territoriais. Os procedimentos utilizados na pesquisa são: a) selecionar e utilizar as obras produzidas com bastante tempo e dedicação; b) narrar com reflexão (a história da Geografia), mais como uma problemática do que como uma solução; c) apreender a complexidade de relações sociais existentes entre pesquisadores, grupos de estudos e universidades; d) identificar as categorias utilizadas, reconstruindo *caminhos* percorridos e, e) entrevistar autores sobre sua história de vida e produção intelectual. Estes procedimentos estão fundamentados numa abordagem espaço-temporal da construção do pensamento geográfico, considerando-se obras e autores de diferentes períodos e países (Brasil, Itália, Suíça, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos) e de distintas ciências: Geografia, Sociologia, Urbanismo e Economia,

**Palavras-chave:** Território; territorialidade; abordagens; concepções.

**Eixo temático:** Abordajes teórico-metodológicas de la Geografia.

### **Introdução**

Este texto também é resultado das pesquisas que estamos fazendo vinculadas ao projeto intitulado *Sobre os conceitos de território e territorialidade: abordagens e concepções*, financiado pelo Cnpq, no qual o objetivo principal é compreender as diferentes abordagens e concepções dos conceitos de território e territorialidade a partir dos anos de 1970-80, especialmente na geografia brasileira, subsidiando a elaboração de uma abordagem territorial que reconheça as articulações existentes entre as dimensões sociais do território (economia-política-cultura), a natureza exterior ao homem, o processo histórico e a multiescalaridade de processos territoriais.

Para tanto, estamos fazendo pesquisa bibliográfica; participando de colóquios internos ao Grupo de Estudos Territoriais (Geterr) e de eventos

científicos nacionais e internacionais; efetivando atividades conjuntas com outros pesquisadores do Brasil e do exterior, de atualização e diálogos. No decorrer da pesquisa, também faremos entrevistas com autores selecionados (da geografia brasileira) e escreveremos diferentes textos sobre os resultados obtidos para apresentação e debate em eventos científicos (no Brasil e exterior).

As atividades realizadas até o momento foram previamente planejadas (e agendadas, quando necessário). As principais foram as seguintes: a) seleção das obras a serem analisadas; b) leitura e análise das obras; c) redação dos fichamentos e sínteses preliminares, considerando os aspectos descritos logo a seguir; d) discussões (colóquios) referentes às interpretações feitas; e) preenchimento/redação de quadros sínteses; f) redação de relatório que estão servindo de base para as publicações.

A seleção das obras (livros, capítulos de livros e artigos em periódicos científicos) e autores está sendo feita a partir da centralidade dada aos conceitos de território e territorialidade e da expressividade (visibilidade e referência) em nível nacional, tentando diferenciar os precursores/instauradores e os continuadores/reformuladores das abordagens e concepções renovadas de território e territorialidade no Brasil.

Nesta oportunidade, apresentamos os resultados obtidos sobre a obra de Manuel Correia de Andrade, geógrafo brasileiro, pelo pioneirismo e pela importância em nível internacional e no Brasil. Manuel Correia de Andrade, nascido em 03 de agosto de 1922, em Pernambuco, formou-se em direito, geografia e história, cursando pós-graduação tanto no Brasil como na França, no Instituto de Altos Estudos da América Latina da Universidade de Paris (1964-65). Ele foi influenciado por elementos de uma concepção renovada de geografia carregada por fortes traços da abordagem regional efetivada no período 1940-60 sob influência da chamada escola vidaliana.

Ao mesmo tempo, ele também foi influenciado por concepções elaboradas por autores como M. Rochefort, P. Monbeig e O. Dollfus, estudiosos que têm centralidade na construção do arcabouço teórico-metodológico que resultou no entendimento do espaço construído socialmente, além de Jacques Boudeville e François Perroux, um dos principais teóricos sobre os pólos de desenvolvimento econômico. Sua elaboração ocorreu no bojo de mudanças na produção do conhecimento em ciências sociais, tentando acompanhar as transformações socioespaciais profundas ocorridas no pós-1960-70, como a intensificação da degradação ambiental, da expansão urbana, da industrialização em nível internacional, das desigualdades sociais etc., bem

como mudanças que aconteceram no nível do pensamento científico e filosófico.

Manuel Correia de Andrade foi envolvido e influenciado por aspectos do movimento de renovação da geografia e de outras ciências, no qual destacam-se autores como Paul Claval, Bernard Kayser, David Harvey, Yves Lacoste, Pierre George, Jean Tricart, Pierre Deffontaines, entre outros. Movimento que gera uma geografia, ou geografias, muito vinculadas à denúncia de processos sociais até então negligenciados, especialmente no que se refere à chamada organização espacial, tanto urbana como rural sob influência da interpretação marxista.

Há um esforço para tentar superar o desinteresse epistemológico pela revisão metodológica e conceitual predominante e para compreender as transformações sociais vigentes na época (Dematteis, 2005; Harvey, 2005; Saquet, 2007; Raffestin, 2008). Movimento disperso envolvendo pesquisadores dos EUA, da Grã-Bretanha, da França, da Suíça, da Itália, entre outros países, como o Brasil, e estudiosos como Manuel Correia de Andrade. “A renovação da Geografia passa pelos esforços de construção conceitual para poder elaborar diversas teorias sem a utilização das quais não se pode ter, aí, progressos reais” (Raffestin, 2008, p.4).

Há uma conjugação de componentes imateriais-materiais que condiciona a emergência de *novos* componentes na reflexão geográfica a partir, principalmente, de atitudes anti-positivistas presentes em obras e autores que propugnam em favor da fenomenologia ou do materialismo histórico e dialético. Nesta renovação, debate-se conceitos como os de paisagem, região, espaço e território, todos fundamentais para a ciência geográfica.

No Brasil, a partir dos anos 1970, na geografia, incorporam-se princípios do materialismo histórico e dialético, especialmente através da atuação acadêmica e científica de professores da USP. Há, evidentemente, outras perspectivas bem significativas que permanecem, como a denominada *new geography* e a geografia regional feita, por exemplo, por Manuel Correia de Andrade, entre outros

pesquisadores que trabalham para tentar explicar as desigualdades regionais historicamente construídas no Brasil.

A geografia regional francesa, que muito influenciou Manuel Correia de Andrade tem, no decorrer do século XX, especialmente até os anos 1960, forte influência de Paul Vidal de La Blache e de seus seguidores, como Emmanuel de Martonne e Albert Demangeon, num esforço para produzir conhecimento geográfico que se contrapunha às abordagens mais gerais de Karl Ritter e Friedrich Ratzel. Das regiões naturais passa-se às regiões econômicas e/ou administrativas, com determinados gêneros de vida. Ganha força, cada vez mais, na geografia, a organização e a diferenciação do espaço geográfico, como compartimento para ser classificado, descrito e explicado.

Era tarefa do geógrafo delimitar, descrever e explicar as parcelas do espaço, evidenciando as diversidades regionais, como fizera Manuel Correia de Andrade, no Brasil: para ele, principalmente durante os anos 1960-80, a região era uma realidade histórica e administrativa, com pólos de crescimento e determinados recursos naturais. Aos poucos, na França, no Brasil e noutros países, ganham centralidade os elementos humanos e históricos diante dos naturais compreendidos em determinadas áreas. Neste processo de renovação, Manuel Correia de Andrade se destaca tanto pelo pioneirismo como pela audácia de produzir, já nos anos 1960, uma geografia regional histórico-crítica centrada na denúncia da problemática do desenvolvimento desigual brasileiro.

### **Geografia, região, espaço e território na obra de Manuel Correia de Andrade**

Manuel Correia de Andrade é um dos pesquisadores que teve centralidade no movimento de renovação da geografia no Brasil, desde os anos 1950, juntamente com autores estrangeiros como Pierre Monbeig e Pierre George. É, grosso modo, entre os anos 1950 e 1960, uma geografia de transição para abordagens consideradas mais radicais, com um caráter político muito forte. Uma de suas obras de destaque, internacionalmente conhecida, é *A terra e o homem no Nordeste*, publicada pela primeira vez em 1963.

Para Andrade (1963), a região é o conceito principal, considerando elementos da natureza e da sociedade, principalmente desta última, evidenciando aspectos fundamentais do uso da terra, da ocupação e das relações de trabalho no Nordeste brasileiro, ou seja, os sujeitos sociais, substantivando uma abordagem importante para sua época. Há ênfase para o processo histórico descrito a partir de um recorte regional, numa abordagem eminentemente areal, histórica, econômica, descritiva e crítica. O Nordeste é compreendido como uma *região geográfica*, revelando, desde o início da obra, a influência que tivera da geografia regional francesa substantivada por Paul Vidal de La Blache e outros pesquisadores.

Assim, o Nordeste é dividido em zonas, áreas ou sub-regiões com características sociais e naturais específicas que diferenciam umas das outras como *habitats* e *paisagens* (Meio-Norte, Sertão, Litoral, Agreste e Zona da Mata). O território é compreendido como área e Estado-nação, considerado de maneira subjacente na argumentação metodológica. Os elementos da natureza destacados são os rios, a vegetação, o clima, o regime pluviométrico e o solo. As atividades sociais evidenciadas são o cultivo da cana-de-açúcar e do algodão, a criação de gado, a policultura de subsistência, a estrutura fundiária e a mão-de-obra utilizada.

Há destaque para a concentração da terra, para as técnicas produtivas e para os trabalhadores, caboclos, escravos, técnicos e assalariados, especialmente a partir do fortalecimento da agroindústria açucareira, elaborando uma geografia crítica e de denúncia das condições de trabalho e vida no espaço agrário do Nordeste brasileiro, construída a partir de referências como Pierre George, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr..

A obra *A terra e o homem no Nordeste* (1963), marca, conforme Maia (2009), na geografia agrária brasileira, uma fonte fundamental de análise para os estudos sobre a estrutura fundiária e as relações de trabalho no campo, antecedendo o processo de renovação da geografia brasileira desencadeado nos anos 1970. Nesta obra, apesar de não ser considerada de geografia crítica ou marxista, percebe-se influências de alguns pensadores que já trabalhavam com o materialismo histórico e dialético, como Caio Prado Jr.. Manuel Correia

de Andrade faz, ao nosso ver, uma análise histórico-regional e, evidentemente, geográfica.

Rosa Maria Vieira Medeiros (2009), referindo-se a este livro (*A terra e o homem no Nordeste*), resume muito bem sua importância: “É um marco na Geografia Agrária brasileira pois traz para o debate geográfico questões relativas à propriedade da terra, às relações de trabalho, às condições de trabalho e de vida dos trabalhadores rurais, às intervenções e às ações políticas. Nesta obra, de forte impacto político, a questão agrária brasileira é despida de suas vestes falsas para ser vista de forma clara e transparente ».

Em outra obra da segunda metade dos anos 1960, Manuel Correia de Andrade (1970/1967) ratifica a compreensão de espaço geográfico definida por Max Sorre a partir da situação de um ponto ou de uma área, ou seja, de uma cidade ou região ou nação. A localização é importante, bem como a delimitação (fronteira), o acesso ao mar, a altitude, a circulação, resultando na *organização do espaço*, juntamente com as condições naturais.

Outras referências importantes para ele nesta obra são: Yves Lacoste, François Perroux e Bernard Kayser. O conceito de região também é central, juntamente com o de espaço geográfico, resultando de componentes naturais e sociais. Seu enfoque é econômico, desenvolvido a partir de uma abordagem eminentemente descritiva, areal e reflexiva. Por isto, destaca o espaço econômico, resultante das ações de grandes empresas, trustes e cartéis sendo, assim, setorial e descontínuo. A organização do espaço se dá por setores e em torno de centros (pólos), com certas características econômicas, políticas e culturais, gerando, assim, as regiões (no entorno dos centros). Estas resultam, então, de processos sociais e espaciais, da regionalização e de redes de transportes e de comunicações. As redes ocorrem no interior de cada região e entre as regiões hierarquicamente organizadas.

Nestas primeiras obras de Manuel Correia de Andrade, é facilmente perceptível a influência que sofreu, diretamente, da geografia regional francesa. Ele elabora uma concepção eminentemente areal, histórica e político-econômica em virtude das características principais daquela geografia. O processo histórico é

tido como um elemento explicativo indispensável para estabelecer as características de um país ou de uma região, evidenciando-se as diferentes formas de organização espacial.

Em Andrade (1971/1967), escrito logo depois de seu retorno da França, encontramos, talvez, uma de suas principais obras na qual dá centralidade ao conceito de território, ou melhor, à organização social do território. Antes e depois, seus conceitos principais são região e espaço, o que já revela aspectos das fases de sua formação e atuação como profissional. Nesta obra, Manuel Correia de Andrade evidencia as condições (*geográficas, históricas, econômicas e sociais*) consideradas fundamentais para o desenvolvimento e suas disparidades em distintas regiões.

Há, por este raciocínio, regiões mais ou menos desenvolvidas que caracterizam o desenvolvimento regional de certo país. “Há, assim, dentro de cada país, dentro de cada Estado, uma diferença muito grande no desenvolvimento regional” (Andrade, 1971/1967, p.32). São áreas ou zonas com determinadas características de povoamento, por exemplo, ou, de maneira mais geral, com características políticas, econômicas, culturais e geográficas, lembrando claramente o conceito de *região geográfica* largamente difundido a partir da geografia regional francesa.

O Brasil, sucintamente, é compreendido como um território formado por várias regiões, onde certas cidades se tornam, historicamente, pólos de desenvolvimento econômico e estão ligadas através de redes hierárquicas. Raciocínio que também está presente em Andrade (1974), tanto empírica como metodologicamente. Os conceitos principais são área e região, numa abordagem areal e descritiva, de análise das desigualdades regionais. O território permanece sem alteração, isto é, corresponde ao Estado-nação, a uma área e palco dos processos sociais, como substrato e recorte espacial. Apesar do destaque, não há aprofundamento conceitual.

Em Andrade (1974) notamos um esforço feito para aplicar a teoria dos pólos de desenvolvimento para compreender os países do chamado terceiro mundo. O entendimento de que o desenvolvimento poderia se propagar teve

centralidade nesta concepção que, na avaliação do autor, poderia ser utilizada parcialmente com relação à América Latina, a partir das experiências de W. Christaller, J. Boudeville, M. Rochefort, entre outros. Teorias de B. Kayser e F. Perroux também foram importantes para suas reflexões sobre o desenvolvimento desigual regionalmente configurado.

Assim, considerou cinco níveis distintos: o nacional, o macro-regional, o regional, o sub-regional e o local, ratificando sua elaboração metodológica anterior (Andrade, 1970/1967). Isto gerou classificações de áreas ou zonas distintas, caracterizadas considerando aspectos econômicos, políticos, culturais e naturais, inerentes à organização do espaço por meio de hierarquias entre os pólos de desenvolvimento. O conceito de organização espacial, juntamente com a noção de área, é central em sua argumentação. O território, desse modo, corresponde a uma área delimitada do espaço, caracterizado a partir da influência econômica dos pólos e de um procedimento classificatório de regionalização para fins de planejamento.

Assim, o Nordeste corresponde a uma região delimitada por características naturais e sociais, distinto das demais regiões brasileiras. As redes de circulação e comunicação são consideradas a partir das funções das cidades centrais em suas áreas de influência, porém, de maneira subjacente. Destaca o caráter regional dos processos estudados, ou seja, a organização histórica do espaço a partir das ações antrópicas, sobretudo econômicas. O Brasil, deste modo, é caracterizado como um *mosaico regional* formado por “ilhas” mais ou menos integradas (p.87) e organizadas hierarquicamente por meio dos pólos e das redes, gerando as chamadas regiões geoeconômicas. “Daí podemos afirmar, baseado na Teoria dos Pólos de Desenvolvimento de F. Perroux, que no Brasil observamos um pólo bastante dinâmico – São Paulo – que atrai os fluxos de todo o país e que desenvolve a região em que está situado e, nas áreas periféricas, regiões deprimidas, ora superpovoadas, ora subpovoadas” (Andrade, 1974, p.212).

Permanece, nesta obra, uma abordagem eminentemente descritiva, econômica e areal, a partir de procedimentos classificatórios inerentes às teorias dos pólos de desenvolvimento, considerando, assim, características naturais e antrópicas, bem como desigualdades internas e redes de circulação. Há destaque, além do conceito de região, para a organização do espaço, incremento importante em sua elaboração teórico-metodológica da década de 1970.

Abordagem que perdura visivelmente em outras obras posteriores, como na intitulada *O planejamento regional e o problema agrário no Brasil* (1976), na qual a região corresponde à categoria de análise principal, compreendida como resultado das ações dos homens organizando o espaço a partir das condições naturais. Assim, é entendida como uma *entidade dinâmica*, ocupada e organizada historicamente.

O espaço assume um papel subsidiário, utilizado, sobretudo, para descrever aspectos históricos da questão agrária brasileira, evidenciando-se espaços econômicos e político-administrativos a partir de obras de autores como Celso Furtado e Caio Prado Júnior. A organização do espaço resulta nas regiões, a partir dos contrastes internos. Daí, reconhece a existência de sub-regiões ligadas por redes, como a Zona da Mata e o Agreste, divisões/compartimentos do Nordeste brasileiro. As regiões e sub-regiões revelam as características naturais e os diferentes níveis de desenvolvimento, bem como as distintas formas de ocupação, ou seja, os *contrastos* internos de cada país e região.

Teorização que é aprofundada nos anos 1980 e socializada em Andrade (1984), por exemplo, ao estudar o Estado e suas implicações na organização do espaço. É um texto de geografia política e econômica, no qual Manuel Correia de Andrade faz uma crítica a geografia política clássica, propugnando em favor da geografia crítica para desvendar e explicar as classes sociais, a atuação do Estado em diferentes instâncias e o espaço *produzido* socialmente. Este, é o conceito principal em Andrade (1984): “Ao se estudar o espaço e sua produção,

deve-se levar em conta, conscientemente, que o espaço produzido é o resultado da ação do homem transformando em função de suas necessidades, o meio natural” (p.16). O espaço, nesta concepção, é transformado histórica e socialmente, por meio da tecnologia, do capital e da atuação do Estado; produto das relações sociedade-natureza.

Deste modo, o espaço é construído de maneira processual e dinâmica, constantemente reformulado e envolvendo, necessariamente, os *órgãos do poder* e as classes sociais dominantes e dominadas. Isto significa, para o autor, que a produção do espaço constitui uma contínua luta entre os grupos sociais, também envolvendo as forças produtivas. O espaço é, ao mesmo tempo, heterogêneo, em virtude das ações do Estado e dos agentes do capital que *organizam o território* de acordo com seus interesses.

Já a obra *Geografia: ciência da sociedade* (2006/1987), revela uma fase de síntese teórico-metodológica resultante, certamente, de suas reflexões teóricas, conceituais e empíricas. É uma obra basilar da renovação da geografia produzida no Brasil e marca um salto qualitativo na produção intelectual de Manuel Correia de Andrade. Isto não significa dizer que ele não estudara estas questões anteriormente. Pelo contrário, a publicação do livro em 1987 é produto de uma trajetória de pesquisas realizadas até então.

Em Andrade (2006/1987), notamos claramente uma abordagem espaço-temporal de aspectos fundamentais da história e epistemologia da geografia, subsidiando decididamente o fortalecimento da geografia como uma ciência social. Esta é a questão ou pelo menos uma das principais desta obra. A geografia é a ciência que estuda a organização social do espaço como processualidade interdisciplinar ou, mais precisamente, as intervenções que a sociedade executa na natureza, “devendo indicar caminhos para a sociedade” (Idem, p.30).

Identificamos seu caráter de cidadão e político em *Geopolítica do Brasil* (1989), obra que também revela a amplitude temática de seus estudos e publicações para além da questão agrária: “(...) o acadêmico, o cientista, antes de ser acadêmico ou cientista é cidadão e, como cidadão, tem compromissos políticos e sociais com a sociedade e o Estado onde vive e trabalha” (p.8). Parece

que esta identificação com as causas sociais sempre esteve presente em seu trabalho como professor e pesquisador, aspecto também evidenciado por Medeiros (2009).

Além disto, em Andrade (1989), notamos uma rarefação do caráter regional-areal em sua abordagem geográfica, ou seja, há ênfase para os processos históricos e relacionais-espaciais, e a região assume, ao nosso ver, um caráter subsidiário. Caracteriza-se como um texto didático e reflexivo sobre determinados aspectos da geopolítica do Brasil nos períodos Colonial, Imperial e Republicano. O território, nesta obra, aparece como recorte espacial apropriado e dominado militar e estrategicamente, como uma parcela ou porção do espaço. Já o espaço é um conceito mais amplo, vinculado à organização societal, ou seja, envolvendo relações de poder, efetivadas especialmente entre diferentes nações.

No início dos anos 1990, em Andrade (1991), o território aparece, novamente, como Estado-nação, embora qualificado a partir de relações de poder mais amplas que extrapolam a atuação do Estado e envolvem os movimentos sociais, principalmente os *populares*, conhecidos como *revoltas* internas que aconteceram no Brasil. De modo geral, descreve e faz uma análise histórica de aspectos importantes de alguns conflitos de classe ocorridos neste país. Pode ser caracterizado como um estudo de geografia política, ou melhor, da política efetivada no Brasil, sobretudo no período pós-Independência, mostrando processos centrais da formação do Estado brasileiro. Isto revela, juntamente com outros aspectos de outras obras, permanências significativas em seu pensamento e abordagem, bem como na concepção de região e de território: são formações areais substantivadas a partir da atuação do Estado e dos grupos oligárquicos regionalmente estruturados.

Uma reflexão mais significativa sobre o conceito de território ocorre nos anos 1993-94, descrita em Andrade (1994). O território assume centralidade e é compreendido a partir das idéias de domínio, de poder e de gestão de certa área, seja por parte do Estado, seja por parte de grandes empresas. O destaque é para a formação e atuação do Estado brasileiro, numa concepção eminentemente política e econômica. Não há aprofundamento sobre os conceitos utilizados.

Já Andrade (1995) incorpora o conceito de território no bojo de um movimento mais amplo, originado, principalmente, na França e na Itália, mas disperso por outros países, como a Suíça e os EUA. Para Manuel Correia de Andrade, o conceito de território é inerente à idéia de domínio ou gestão de determinada área: “Assim, deve-se ligar sempre a idéia de território à idéia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas” (Andrade, 1995, p.19). Enfatiza, em sua abordagem, novamente, as forças políticas e econômicas na constituição do território. Na dinâmica econômica, reconhece o rompimento das fronteiras pela atuação de grandes empresas, como trabalhara anteriormente (1994).

No entanto, Manuel Correia de Andrade não aprofunda o estudo do conceito de território e nem mesmo o de territorialidade, mantendo certa fidelidade aos conceitos de espaço e região, centrais em sua trajetória como pesquisador. O território é entendido como produto da ação e gestão do Estado, lançando mão do conceito de área para tentar revelar a importância desta atuação na formação do Brasil enquanto Estado nacional. Há uma compreensão predominante do poder concretizado a partir das ações do Estado, no entanto, ele também reconhece o poder presente em outras relações sociais, o que significa um avanço considerável, ampliando a leitura e a compreensão do território combinando aspectos materiais e imateriais.

Enfim, Manuel Correia de Andrade tenta acompanhar mudanças que acontecem no nível do pensamento e no *real*, gerando uma teorização geográfica com um caráter político bastante expressivo desde o final dos anos 1960, conforme evidenciamos no quadro a seguir. Isto revela, metodologicamente, o quanto é complexo e delicado estudar a construção do pensamento e do conhecimento, pois se trata de um processo histórico e relacional, constituído por indivíduos que vivem em sociedade, pensam, criam, têm sonhos, necessidades e aspirações políticas, relações e processos dificilmente apreendidos somente a partir da leitura de suas obras escritas.

Acreditamos que esta é uma boa forma para encerrarmos este texto, isto é, afirmando que a obra do Manuel Correia de Andrade é substantiva e contribui de maneira efetiva e sistemática para a renovação da geografia no Brasil, especialmente para a substantivação de uma perspectiva crítica e reflexiva, uma geografia de denúncia e propositiva em relação à formação histórica brasileira centrada num processo concentrador e centralizador, contribuindo para desvendar e explicar jogos de poder e controle do povo e do território brasileiro.

### **Considerações finais**

Questão agrária, planejamento, desenvolvimento regional, concentração da terra, subordinação dos trabalhadores rurais, técnicas produtivas, oligarquias regionais, pólos de desenvolvimento, epistemologia, geopolítica, entre outros, todos temas selecionados, compreendidos e explicados por Manuel Correia de Andrade, ao longo de uma carreira docente e política influenciada por princípios da geografia regional francesa e de outras perspectivas mais recentes, vinculadas ao materialismo histórico e dialético. Abordagens e concepções elaboradas a partir de conceitos como os de região, organização do espaço, espaço produzido e território, sempre ampliados e atualizados para tentar compreender os processos ligados à formação do povo e do território brasileiro.

De uma abordagem eminentemente areal, descritiva, histórica e econômica, avança ampliando-a com os processos políticos e geopolíticos, elaborando uma concepção reflexiva e propositiva da apropriação, dominação e gestão do espaço e do território, explicando os jogos de poder, a subordinação, sempre em favor do povo brasileiro, como ele próprio afirmaria. Cumpriu um papel decisivo na revisão e atualização da geografia brasileira, bem como na denúncia da problemática do desenvolvimento desigual e na proposição de ações e planos tentando contribuir para amenizar as desigualdades regionais.

### **Referências:**

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Espaço, polarização e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1970 (1967).
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, região e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1971 (1967).
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Nordeste, espaço e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia econômica**. São Paulo: Atlas, 1973.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Cidade e campo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O planejamento regional e o problema agrário no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1976.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **Agricultura & Capitalismo**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Estado, capital e industrialização no Nordeste**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Poder político e produção do espaço**. Recife: Massangana, 1984.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006 (1987).
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geopolítica do Brasil**. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989a.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O povo e o poder**. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1991.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria; SILVEIRA, Maria (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994.p.213-220.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BOUDEVILLE, Jacques. **Les Programmes Économiques**. Paris: Universitaires de France, 1963.
- BRAY, Silvio C. As escolas geográficas em São Paulo e no Brasil: 1934 e 1976 (uma tentativa de classificação). In: SPOSITO, E. e SANT'ANNA, J. (Org.). **Uma geografia em movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.p.135-142.
- CELANT, Attilio. Nuova città e nuova campagna. In: CELANT, A. **Nuova città, nuova campagna**. L'Italia nella transizione. Bologna: Patrón, 1988. p.1-50.
- CLAVAL, Paul. **L'évoluzione storica della geografia umana**. Milano: Angeli, 1972.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. SP: Ática, 1987.
- DEMATTEIS, Giuseppe. La nascita dell'indirizzo marxista nella ricerca geografica italiana. In: **La ricerca geografica in Italia 1960-80**. Varese: Ask Edizioni, 1980. p.781-792.
- DEMATTEIS, Giuseppe. Geografia democrática, território e desenvolvimento local, **Formação**, Presidente Prudente, n.12, v.2, 2005, p.11-26.
- GEORGE, Pierre. **Questions de géographie de la population**. Paris: PUF, 1959.

HARVEY, David. A reinvenção da geografia – uma entrevista com os editores da *New Left Review*. In: HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. p.15-40.

LACOSTE, Yves. A Geografia. In: CHATELET, François. **História da filosofia**. A filosofia das Ciências Sociais. Vol.7. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

MAIA, Doralice Sátyro. O pensamento de Manoel Correia de Andrade e a sua obra *A terra e o homem no Nordeste*, **Scripta Nova**, Barcelona, Vol. XIII, núm. 288, 15 de abril de 2009.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Manuel Correia de Andrade e a questão agrária Brasileira, **Scripta Nova**, Barcelona, Vol. XIII, núm. 288, 15 de abril de 2009.

QUAINI Massimo. Costruire 'geostorie' – un programma di ricerca per i giovani geografi, **Geostorie**, anno 11, n.1, 2003, Roma, p.3-15.

RAFFESTIN, Claude. Entrevista, **Formação**, Presidente Prudente, n.15, vol.1, 2008, p.1-5.

SAQUET, Marcos. Proposições para estudos territoriais, **Geographia**, Rio de Janeiro, n.15, 2006, p.71-85.

SAQUET, Marcos. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVA, Lenyra Rique da. Revisão da questão agrária brasileira a partir da ótica de Manuel Correia. In: FELIPE, José L. (Org.). **Manoel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão**. Natal: UFRN, 1995. p.153-172.